

EXPERIÊNCIA

ESCOLA TAPIRAPÉ

O POVO TAPIRAPÉ:

Os índios Tapirapé vivem atualmente no nordeste do Mato Grosso, próximos à foz do rio Tapirapé, sendo trazidos para aí em 1948, pelo SPI e Indígena de Conceição do Araguaia.

Antes eles viviam na cabeceira do rio Tapirapé.

Wagley calcula que por volta de 1900 o povo Tapirapé contava uns 1500 indivíduos em 6 aldeias.

Quando as Jimarázinas de Jesus chegaram, em 1952 os Tapirapé estavam reduzidos a apenas 50 pessoas. Muitos os consideravam destinados ao desaparecimento total.

Essa depopulação fora causada, segundo Baldus e Wagley e segundo depoimentos dos próprios Tapirapé remanescentes, a grande epidemias e constantes ataques dos Kaiapó. Atualmente são 180 pessoas.

A partir de 1965 toda essa região nordeste do MT habitada por índios Karajá, Tapirapé, Lavanê e sertanejos, começa a ser ocupada por grandes companhias agro-pecuárias.

INTENSIFICAÇÃO DO CONTATO:

- * A 30 km da aldeia crescia o povoado de Sta Terezinha.
- * Os "mariscadores" (compradores de peles e girarucu seco e também fornecedores de mercadoria) contratavam Tapirapé e Karajá para seus negócios, lesando-os sempre nessas transações.
- * Com a instalação das fazendas aparece o peão e ao mesmo tempo muitos posseiros são empurrados para dentro das terras indígenas ainda não demarcadas. Os Tapirapé despertam então para a necessidade de defesa de sua terra, ao vê-la invadida pelas fazendas e posseiros e as matas destruídas para ceder lugar aos pastos.
- * Por sua vez aparece a indústria do turismo no rio Araguaia. Um banco-hotel, com grande afluência de turistas estrangeiros, ancora próximo

nas aldeias Tapirapé e Karajá, nas temporadas de maio-outubro. Os índios são utilizados como atração turística, expondo-se a fotografias por dinheiro e vendendo seus artesanatos.

Neste contexto os Tapirapé começaram a exigir a escola como meio de defesa e de compreensão do mundo "tori" e também para se "igualar" ao tori. Tentativas feitas tanto pela Missão como pela Funai para resolver o problema foram de pouca durabilidade; até que em 1972 a Missão assumiu o compromisso de no ano seguinte iniciar a alfabetização na aldeia.

NOSSA ATUAÇÃO NA ESCOLA:

Nós nos tornamos professores na aldeia Tapirapé em 1973, por fatos circunstanciais: havia a exigência dos Tapirapé e o compromisso da Missão, nós estávamos voltando à Prelazia de S. Félix, onde já havíamos trabalhado em 1970 como professores de 1º grau.

Pouco sabíamos da problemática indigenista, Educação Indígena, Educação para o Indígena, etc.

Assumimos a escola pensando-a como meio de defesa contra a exploração do Tori, incentivo à revitalização da cultura, e instrumento de conscientização dos Tapirapé diante da opressão sofrida por todos os Povos Indígenas e da política indigenista oficial.

PROCESSO DE EDUCAÇÃO GLOBAL / ESCOLA / ALFABETIZAÇÃO

Diante da situação de quase extermínio desse Povo, desapareceram muitos indivíduos mais velhos, depositários de maior saber cultural. Durante anos não houve sequer número físico de participantes necessários para certos rituais. Embora muita coisa da cultura foi-se reconstruindo, com o aumento progressivo da população, o sistema social Tapirapé não facilita muitas ocasiões de

aprendizagem. Por ex., se morre uma pessoa pas-
sam-se 1 ou 2 anos sem as festas. Então, muitos
jovens não sabem os cantos, pois fora dos rituais
não há oportunidade de ouvi-los.

O processo do ver, ouvir, repetir e tentar,
sozinho, próprio da cultura indígena, fica preju-
dicado. Os velhos, que são mais voltados para
a cultura e tradição, são poucos. Os jovens, em
maior número, absorvem com facilidade o mun-
do e a cultura tori.

Ajudar a ver mais criticamente o mundo
tori em contraposição ao mundo Tapirapé, refletir
em torno dos valores próprios da cultura - isso foi
tentado dentro da escola.

Em todos os temas da alfabetização isso
foi discutido. Essa linha de trabalho contava com
o decidido apoio dos mais velhos. A maioria dos
jovens pelo menos parou para pensar no assun-
to. Só havia um bem cético quanto à sobrevivên-
cia cultural dos Tapirapé.

CONHECIMENTO PRÉVIO:

Antes de ir para a aldeia, recebemos os resul-
tados de uma pesquisa feita por 2 agentes de pas-
toral da Prelazia de S. Félix, em função da alfabe-
tização futura. Nessa pesquisa foram levantados
os temas básicos de vida Tapirapé, dos quais se-
riam retiradas as palavras geradoras (vide li-
vro "A questão de Educação Indígena" - comissão
Pro. Índio SP, páginas 97-99).

Tomamos contato também com o livro
de Herbert Baldus - "Tapirapé" - Tribo Tupi no Brasil
Central".

Já chegando, conhecemos a pesquisa lin-
guística feita por uma das Temãzinhas junto
com Yvonne Leite, do Museu Nacional - RJ. O
trabalho todo foi acompanhado e avaliado

sempre com as Imãzinhas de Jesus, que lá já se encontravam há muitos anos e nos deram informações valiosas.

Divisão das turmas: Pág. 99 do livro citado. A escola atinge atualmente apenas a população mais jovem. Houve tentativa de alguns mais velhos participarem, mas desistiram logo, por não conseguirem acompanhar o processo de alfabetização.

Atualmente há uma turma de adultos à noite, metade já casados. De manhã há 3 turmas: - uma mista, de crianças (8 a 10 anos) com 12 alunos. Estão prontos para alfabetização pois já passaram por um programa de pré-alfabetização e pré-matemática; - uma turma de moças (Kozâmoko) já alfabetizadas na língua e já em fins de alfabetização em português (7 alunas); - uma turma de rapaziños pré-adolescentes já alfabetizados (9 alunos), e avançando mais.

Há ainda uma turma de homens casados que haviam abandonado a 1ª turma de alfabetização e que pediram para estudar novamente, mas não todos os dias. Estão estudando só aos sábados e domingos.

Sempre nos deparamos com o problema de ter que preparar material de leitura depois que os alunos estavam alfabetizados. Isso sempre foi uma dificuldade, até que nos reunimos com a irmã Beth Amarante, que trabalha junto ao povo Miyki e elaboramos o livro História de Sangue. Todas estas turmas, com exceção das crianças, estão estudando neste livro.

O mesmo aconteceu com Matemática. A gente não estava dando conta de preparar material diferente para cada turma. Adotamos

uma série de livros comerciais do 12º grau, e usamos o que é possível desses livros.

O "currículo" basicamente tem sido:

- alfabetização em tapirapé;
- português oral;
- transposição para o português;
- matemática (numeração - 4 operações);
- geografia local (de modo não contínuo; aconteceu só a partir da necessidade de luta pela terra);
- história → com o livro "História de Sangue";
- desenho e modelagem aconteceu na escola, não como "matéria", mas como recurso, desenvolvendo as habilidades naturais dos alunos.

O financiamento da escola tapirapé foi assumido pela missão tanto para o sustento dos professores como para a compra de material didático e material escolar para os alunos. Começa a haver colaboração de alguns Tapirapé com ênfase para a compra de material escolar.

USO SOCIAL DO APRENDIZADO:

Na aldeia é comum ver-se coisas escritas em tapirapé ou português, no chão, pelas paredes, nos corpos de rapazes, moças e crianças. No corpo eles pintam o nome próprio, ou números (crianças de no futebol). Para isso usam o giz branco. No chão, escrevem com um pauzinho, frases, nomes de pessoas, etc. Nas paredes (da escola e de uma enfermaria da Funai) escrevem seus nomes, nomes de funcionários da Funai, de cantores da música sertaneja, etc.

Mas há funções mais importantes para o uso da escrita - como cartas feitas por eles à Funai, cartas para o jornal "Mensageiro", cartas

de solidariedade a outros povos indígenas, etc. - às vezes eles fazem em Tapirapé e a gente ajuda a traduzir. Se é feito em português, ajudamos a corrigir os erros.

A matemática também já está sendo bastante utilizada nas transações comerciais.

A língua Tapirapé escrita é usada quase que só na escola, devido aos problemas de grafia já citados. Foi feito um jornalzinho mimeografado, na escola. Há muito material escrito por eles, à espera de uma melhor correção gráfica, para serem utilizados com mais frequência.

Um rapaz ajudou a desgravar mitos. 2 mitos foram utilizados na escola como material de leitura. Há questionamentos a respeito desse uso, mas independente da escola, há um projeto de gravação e escrita dos mitos, apoiado pelos Velhos, por causa do temor de que as novas gerações percam o conhecimento e a vivência dos mesmos.

Quanto ao uso do português - o domínio da leitura e de um maior vocabulário possibilitou a eles uma maior segurança nas viagens a Brasília por causa da terra.

Avaliação de Escola: página 105 do livro citado; só até o último parágrafo desta página.

Numa avaliação formal feita com eles recentemente, pediram mais tempo diário de aula; reclamaram das nossas muitas saídas para reuniões e observaram que: "Tori aprende ligeiro, Tapirapé custa muito para aprender".

Entretanto a avaliação informal existe sempre. E a gente sente que querem uma escola que dê a eles não só o domínio da linguagem da nossa sociedade, como a compreensão do

funcionamento dessa sociedade. Os modelos - 4 -
"Marcos Terena" - "Daniel Cabixi" funcionam co-
mo paradigmas. Eles demonstram preocupação
com o nível da escola Tapirapé em relação à
escola tori. A pergunta é: "Até onde pode che-
gar a escola Tapirapé?". Alguns já falam em
mandar os filhos para continuar os estudos
em Brasília, onde as bolsas de estudo da Funai
são um forte chamariz.

Dentro da vida cotidiana, alguns rapa-
zes já casados e com filhos, envolvem-se de-
mais com material de escola (livros) e dei-
çam de lado as tarefas próprias do homem.
Isso está gerando desarmonia nas relações sogra-
- genro e marido - mulher.

(Vide livro citado, pág. 106).

CONTINUIDADE DO PROJETO:

Por parte da Missão é assegurado todo apoio,
inclusive financeiro para a continuidade da es-
cola. Por parte dos Tapirapé também há muito
apoio. Nós nos questionamos, mas ainda sem
ver bem claro se um dia nossa saída de lá
não será mais benéfica para o próprio cresci-
mento deles.

Impasses:

- O problema da possível evasão para Brasília
com a consequente destribalização;
- a questão MONITORIA: é o melhor? Se é,
como acompanhar? Não desloca um indivi-
duo do grupo? Recebendo salário, será um pri-
vilegiado... Se de fato pretende-se que a escri-
ta e o cálculo sejam técnicas e mais na de-
fesa e resistência, porque a transmissão destas

técnicas não poderiam ser absorvidas pela comunidade toda, no mesmo processo de transmissão tradicional da cultura indígena?

- até onde levar o ensino? até que nível?
- Por contarmos com assessoria linguística descontinua, não se resolveu satisfatoriamente o problema da grafia. Isso constituiu uma barreira no avanço da escrita da língua taurapé.

Perspectivas:

- Para responder a essa necessidade de melhor compreensão do mundo do branco, pensamos organizar cursinhos rápidos, utilizando outros recursos além dos que já usamos (como q. ex., teatro de bonecos). Esses cursinhos abrangeriam aspectos sociais, políticos, históricos, econômicos (sempre tentando contribuir com uma visão crítica).
- a gente também espera superar dificuldades linguísticas com a assessoria das linguistas do Museu Nacional. Assim, será possível terminar uma cartilha já iniciada, juntamente com os alunos.